

Rodrigo Matos Ribeiro

# Navegar é Preciso? O POETA, O AMOR E A REVOLUÇÃO!



1ª Edição  
Recife  
2021



Editorial  
Universitária  
da UFRPE

## Navegar é preciso?

É assim que o autor se apresenta nesse mar de palavras, intenções, desejos, percorrendo linhas invisíveis, como ondas que desenhavam em suas areias claras. Nesse conjunto de poemas, o autor sistematicamente, se divide em três momentos “o poeta, o amor e a revolução”, nessa tríade de sentimentos e explosões encontramos um poeta que se apresenta, ora se entrega sem máscara, rasgando o peito. Ora silencia em seu íntimo, guardando segredos, gestos, caminhos e mares dantes nunca navegados. Ao mesmo tempo explode em revoluções, salta como gaviota do penhasco, liberta-se de suas amarras, corta os laços, as correntes que o aprisionam, solta a língua que tece revoltas. O poeta que ama, rasga a cortina, se lança ao mar, como ele mesmo grita “luz azul, atravessa o cosmo, vem me ver”.

Rodrigo Matos Ribeiro

# Navegar é Preciso? O POETA, O AMOR E A REVOLUÇÃO!



1ª Edição  
Recife  
2021



Editora  
Universitária  
da UFPE





**Prof. Marcelo Brito Carneiro Leão**  
*Reitor da UFRPE*

**Prof. Gabriel Rivas de Melo**  
*Vice-Reitor*

**Antão Marcelo Freitas Athayde Cavalcanti**  
*Diretor da Editora da UFRPE*

**Maria Wellita Santos**  
*Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFRPE*

**Ivanda Maria Martins Silva**  
**Maria do Rosario de Fátima Andrade Leitão**  
**Maria Rita Ivo de Melo Machado**  
**Monica Lopes Folena Araújo**  
**Renata Pimentel Teixeira**  
**Soraya Giovanetti El-Deir**  
*Conselho Editorial UFRPE*

**Marco Aurélio Cabral Pereira**  
*Chefe de Produção Gráfica da Editora UFRPE*

**Aroma Bandeira**  
*Revisão Gramatical*

**Victor Sandes de Meneses**  
*Diagramação e Arte*

**Ilustração original em Aquarela por Victor Sandes de Meneses**  
*Imagem de Capa*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ribeiro, Rodrigo Matos  
Navegar é preciso?  
poeta, o amor e a revolução! / Rodrigo Matos Ribeiro. --  
1. ed. -- Recife, PE : Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2021.  
PDF  
  
ISBN 978-65-86547-38-2  
1. Poesia brasileira I. Título.  
  
21-90684 CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**  
Poesia : Literatura brasileira B869.1  
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

# Sumário

Dedicatória.....	6
Apresentação .....	7
<b>Capítulo I – O Poeta .....</b>	<b>8</b>
O Poeta.....	9
O Encantamento e as Coisas .....	10
Contentamento.....	12
Rei do Nada .....	13
O Encontro Marcado.....	14
Politicar .....	16
Interior.....	18
Concentrado .....	19
Bashô.....	20
O conto do passarinho e do poeta.....	21
Os Poetas.....	22
Escrevendo como se fosse preciso escrever .....	23
Garçom! Uma dose de loucura, por favor?.....	24
<b>Capítulo II – O Amor .....</b>	<b>26</b>
Quando a vida é uma dança esquisita.....	27
A Encantadora de Risos.....	28
O amor daquela menina.....	29
Na cama com Neruda .....	30
A Maçã .....	31
Buarque-se.....	32
Essas Meninas de Letras .....	33
Amarela .....	34
Liberté .....	35
O poeta que morreu de saudade .....	36

Aqui Jaz o Amor .....	37
Fel .....	38
Tampouco Vênus .....	39
Soul.....	40
Sociopatia .....	41
Solidão .....	42
Canção dos Namorados .....	43
(Paráfrase Drummoniana) .....	43
Blues.....	44
Ode à minha amada .....	45
O Descobrimento das Américas.....	46
Ontem.....	47
Para Fernanda Torres com amor.....	48

### Capítulo III – A Revolução.....49

Cordel da Revolução.....	50
Conde da Boa Vista .....	51
La Dictadura Perfecta .....	52
Soneto Metafísico .....	53
Moto-contínuo .....	54
Circulador.....	55
Navegador.....	56
O que Leva um Homem a Querer? .....	58
Rabisco .....	59
My World .....	60
Ode a Sartre .....	61
Demasiado humano .....	62
Eu não tenho eus .....	63
Carta Metafísica .....	64
Sobre o fim do Mercado .....	65
Maracatu de Metal .....	66
(com Paulo Freitas) .....	66
História da Serpente.....	68

A minha filha Anita Matos, amor  
maior e mais revolucionário!



# Apresentação

Das ideias à poesia: navegar é muito preciso.

Dr. José Atanásio Souza Filho

Professor de História da Universidade Estadual de Goiás

Campus Norte

Cidade de Uruaçu, Goiás, 28 de janeiro de 2019.


As poesias contidas neste livro contemplam o saber imaginado da realidade nua, crua e visceral. O autor não poupou argumentos e muito menos se absteve em esconder emoções em seu propósito maior de nos oferecer sentimentos estruturais que nos abarcam, nos dominam e alargam interrogações sobre nossos *modus operandi* de ser e existir e, nesse meio termo, entender a questão (Humm): “Navegar é preciso?”

Navegar conjuga nosso jeito próprio de viver, sentir e mudar. Assim nos encontramos nos termos titulares que o autor, poeta do amor revolucionando poeticamente os sentidos do ser, do gosto de ser e viver sendo cada eu possíveis “eus”; “eus” que nos trazem o fel indesejado da vida em nossa alma solitária sem as emoções de ontem e sem o azul de Vênus. Não importa que a maçã fique amarela e que o poeta sinta saudade até morrer: a poesia (o autor destaca isso) nos faz amar nossa existência, pessoal e coletiva, como metabolismo revolucionário.

Portanto, ser, viver e fazer acontecer nos transforma (tudo isso junto e ao mesmo tempo) em desejos de sentidos. Não importa se no mercado velho ou circulando em prédios da Conde de Boa Vista (Recife). Somos nós mesmos querendo ser mais Amor nos intercalando com rabiscos demasiados humanos que poeticamente fazem de nosso *word* formas metafísicas culturais que se homogeneizaram na porrada do maracatu pesado contra o preconceito cultural e existencial de tolos que não leem poesias. Da ignorância poética surge a necessidade de saber o que significa: O POETA, O AMOR E A REVOLUÇÃO! “Do nada que se é surge o domínio de ser o possível de tudo”, digo isso e boa sorte. Estas foram minhas as palavras sobre as tuas poesias! Este foi um bom Encontro Marcado.

# Capítulo I

## O Poeta



Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,  
Tamarindo de minha desventura,  
Tu, com o envelhecimento da nervura,  
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!  
E a podridão, meu velho! E essa futura  
Ultrafatalidade de ossatura,  
A que nos acharemos reduzidos!

Augusto dos Anjos

# O Poeta

Tudo que pode traduz:  
espaços entre caracteres  
pedaços de nada  
comida enlatada  
permissão negada.

Sonhos encobertos  
estrondo de objetos  
uma velha enrugada  
um pouquinho de tudo  
e um pedaço de nada.

Substituições estranhas  
objetos e entranhas  
sub liberdade contrariedade  
a falta de vontade  
desejos sem coragem.  
Arquétipos de madeira  
descrição de tóxicos  
má alimentação da letra  
a falsa imagem  
conselhos e malandragem.

Salvem o poeta!  
Do inferno, do céu, de Zeus,  
de Deus, de Buda e de Jah,  
salve lemanjá,  
salvo-te poeta.

## O Encantamento e as Coisas

Não temo o encantamento das coisas  
elas me libertam para o exterior do ser  
esta ponte é um labirinto de formas  
partidas e mal desenhadas.

Não temo ser velho, paciente eterno  
dos pecados que me traem  
instinto encantado e livre à vontades –  
inegáveis vontades.

De saber sempre mais e mais  
de viver, dos porquês?  
de ser e ser.

Maldito amor à vida, a saudade  
e seus passados, a poesia  
e ao vício de sonhar.





# Contentamento

Quanto mar há no silêncio da poesia?  
Quantas palavras brotaram desse silêncio?  
Carrego o caos dentro de mim  
dissimulo sentimentos,  
morais, sociais, convencionais.  
Escondo a mentira  
dos meus próprios olhos  
e, quando me vem a embriaguez  
e voou no ar,  
essa parte de mim que gosto e não gosto  
que acho tão pouco, tão pequeno  
tanta necessidade de mim,  
de mais e mais...  
Me silêncio!  
Me contemplo!  
E me solto,  
em gotículas,  
para cada ser,  
que queira beber em minha fonte,  
em meu ser,  
e assim me sinto toda,  
toda ser!  
Me ilumino,  
pois eu sou o meu sol,  
e eu me sinto...

# Rei do Nada

Eu, sertanejo da capital  
indecente e imoral,  
regro-me de razões  
para dar cabimento às minhas emoções.

Eu, Praguejador barato  
de histórias simples e repetidas  
quase sempre imprecisas,  
mas histórias de fato.

Eu, rei do nada  
vida louca mal afamada,  
busco inspiração em 'minhalma'  
para uma nova revolução.

Eu, labirinto sangrento  
espinhoso  
ardilento,  
gelo seco no coração.

Eu, canção de fogo,  
me redimo como um tolo  
com o som  
de uma bela canção.

Eu, poeta mesquinho  
ao primeiro carinho,  
Esqueço seca, sertão, cangaço, espinho  
para viver amores, quase sempre, sozinho.

# O Encontro Marcado

Se quiseres me encontrar, estarei nas ruas  
em busca da gravidade  
que inspire a poesia  
que ainda não existe em mim.

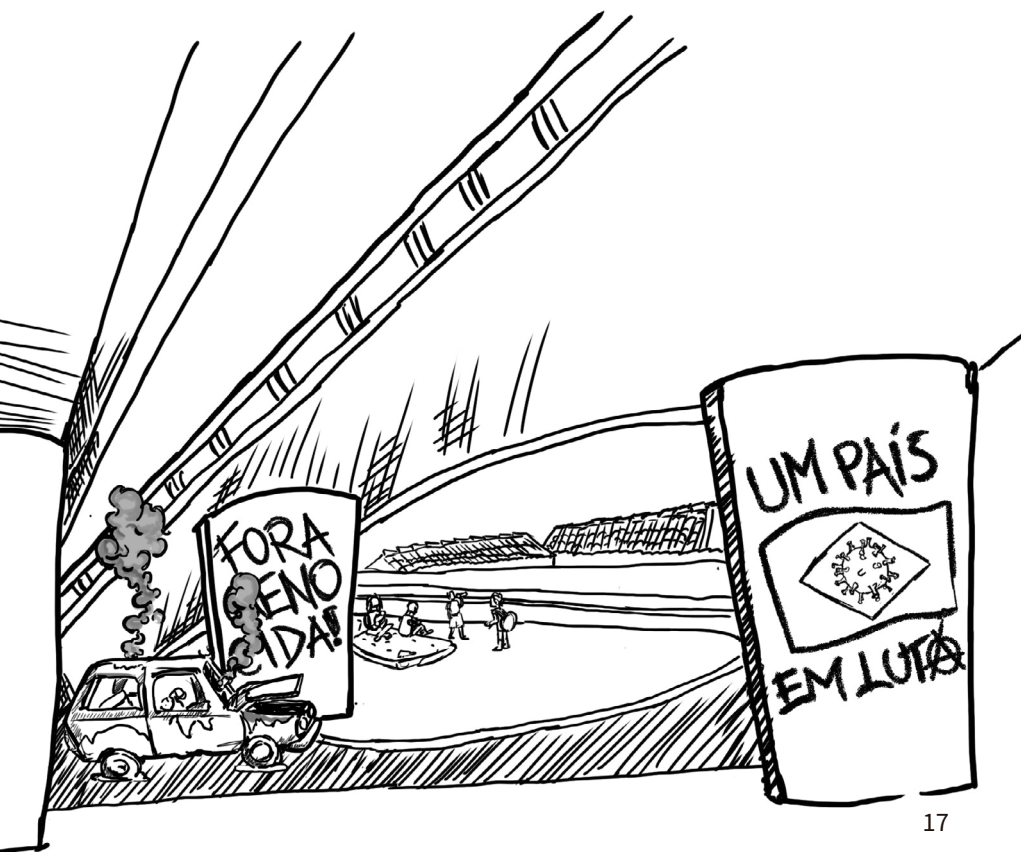
Se quiseres me encontrar,  
estarei no outdoor rasgado,  
no buraco da pista,  
na marginal Capibaribe.

Se quiseres me encontrar, estarei no banco quebrado da praça,  
na formiga morta do jardim,  
dentro daquele carro roubado e queimado  
embaixo do viaduto da Caxangá.

Se quiseres me encontrar, não encontrarás natal,  
nem papai noel, nem carnaval:  
estarei dentro de mim me reencontrando,  
pra nascer de novo, feliz.







# Politicar

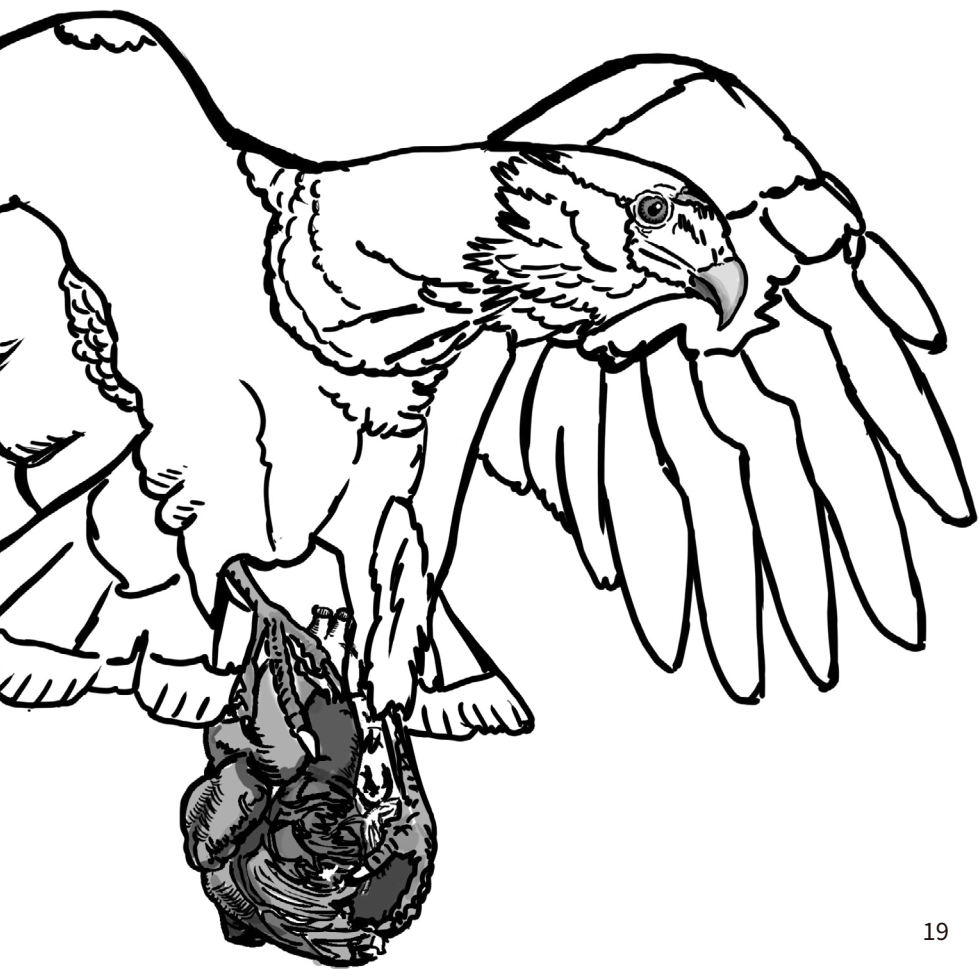
O meu coração é político  
Iguar Maria vai com as outras  
No segundo turno da eleição  
Iguar carcará que come gente no Sertão.

Meu coração é submundo  
É margem, lago profundo,  
Algo além da maldade  
da sociedade, da desigualdade.

Meu coração só me ama  
Quando traio meus princípios  
caídos em precipícios  
cheios de artifícios.

Meu coração não tem coração  
E em meio a qualquer solidão  
Ele sonha só em busca  
De uma nova desilusão.





# Interior

Quando se adentra um interior  
não se sabe o que encontrar  
fumaça, fuligem – futuro? –  
A estrada vem trazendo seus buracos  
e resquícios de um mundo que já foi embora.

Quando se adentra um interior  
procuramos viagens,  
novas paisagens e mistérios.  
Fugimos da vida urbana e da maresia  
de quem não nos queria mais.

Quando se adentra um interior  
temos na garupa muitas saudades  
muitas vontades e poesias  
Que buscam o seu papel  
E a sua história.

# Concentrado

Direita ou esquerda?  
Crescente ou nova?  
Madrugada ou crepúsculo?  
Tudo gira –  
na água ou no fogo  
bem e mal  
errado e certo  
começo e fim  
extremos e mais extremos  
cansei de extremos  
hoje me autodenomino – concentrado  
sou centro, sou meio, sou fulcro  
cerne  
núcleo  
âmago  
estático  
interior  
profundo.

# Bashô

Seria o prenúncio  
da sabedoria  
o silêncio?

Desde que a existência  
precede a essência

não há liberdade mais dominante.

## O conto do passarinho e do poeta

Estava nas margens do teu mundo,  
absurdo de viver na natureza.  
O mar, os rios, o sol, as árvores e o luar,  
pele nua que desconhecia o frio  
e servia de armadura para qualquer espinho.  
Sai da toca, passarinho,  
canta uma canção de amor,  
amor de terra, de mar, de árvores, sol e luar.  
Voa passarinho!  
Tuas asas foram feitas para planar.  
Não gostas de voar sozinho?  
Te sentes mesquinho  
De ter todo o céu só para te amar?  
Arranhado de sentimentos, coberto de peles inconsequentes,  
o poeta desbravou o mar, os rios, o sol, as árvores e o luar.  
e com motes desvairados,  
estáticos, conseguiu ritmar:  
és passarinho primeiro povo destas terras,  
primeiro amor primeira guerra,  
primeiro cheiro de cheirar,  
me leva pra voar contigo  
nos teus céus, no teu ventre, nas tuas árvores,  
nos teus cabelos, nos teus olhos  
no teu sol, no teu luar.

Se o passarinho pode cantar para o poeta  
o poeta também pode cantar o passarinho.

## Os Poetas

Vou encher tua vida de poesia:  
dormirás com Drummond,  
recitando versos em teus ouvidos;  
acordarás afagada pelas mãos pequeninas de Bandeira;  
ao meio-dia, almoçarás com Neruda e Manoel de Barros,  
cada qual em uma das extremidades da mesa.  
esperando sua vez para te recitar uma poesia;  
Leminski te trará uma sobremesa,  
um bom copo de água gelada para tua vida;  
às três da tarde receberás uma mensagem de Safo,  
te convidando para sair.  
ao cair da noite, um poeta menor,  
este que vos escreve, tentará reunir  
seu pequeno vocabulário para descrever  
a magnitude do teu dia e te mostrar  
que viver é bom,  
e navegar é preciso.



# Escrevendo como se fosse preciso escrever

Escrevo como se fosse preciso escrever

como se todas as palavras  
já não tivessem sido escritas.

Palavras formam frases,  
que formam pensamentos,  
que já foram pensados antes.

Então como escrever se tudo já foi...  
dito, escrito, lido, relido?  
Contudo, escrevo redundante e hiato.

Escrevo como se fosse preciso escrever  
porque as pessoas se repetem  
É preciso escrever para que elas leiam, releiam e se repitam.

- Você não sabe ler?
- Claro, como você acha que cheguei até aqui?
- Pergunta pífia, aliás, isto é poesia mesmo?
- Não digo estas palavras tão normais, tão repetidas,  
- mas as entrelinhas...
- A verdade estará lá, nas entrelinhas...

Que também tão repetidas, falam por mim  
e, quando me penso poeta,  
estragam minhas poesias  
prenunciando o fim.

E eu que escrevo como se fosse preciso escrever.

# Garçon! Uma dose de loucura, por favor?

Preciso!

De uma boa dose de loucura,  
uma dose pura  
encobridora das verdades,

Preciso!

Rever o Sertão,  
da água fria da barragem de Brotas,  
em Afogados da Ingazeira,  
ou de alguém que abra a comporta  
de Tapacurá pra mim,

Preciso!

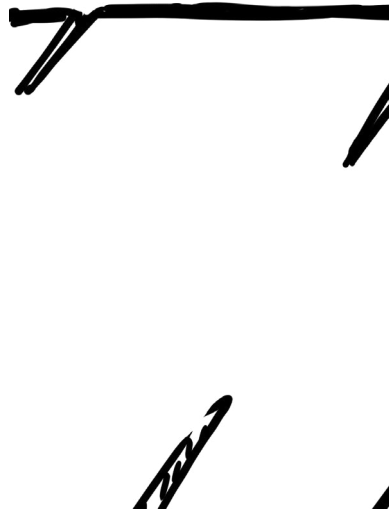
Dos meus livros que desapareceram  
das poesias e dos sonetos  
que nunca escrevi,

Preciso!

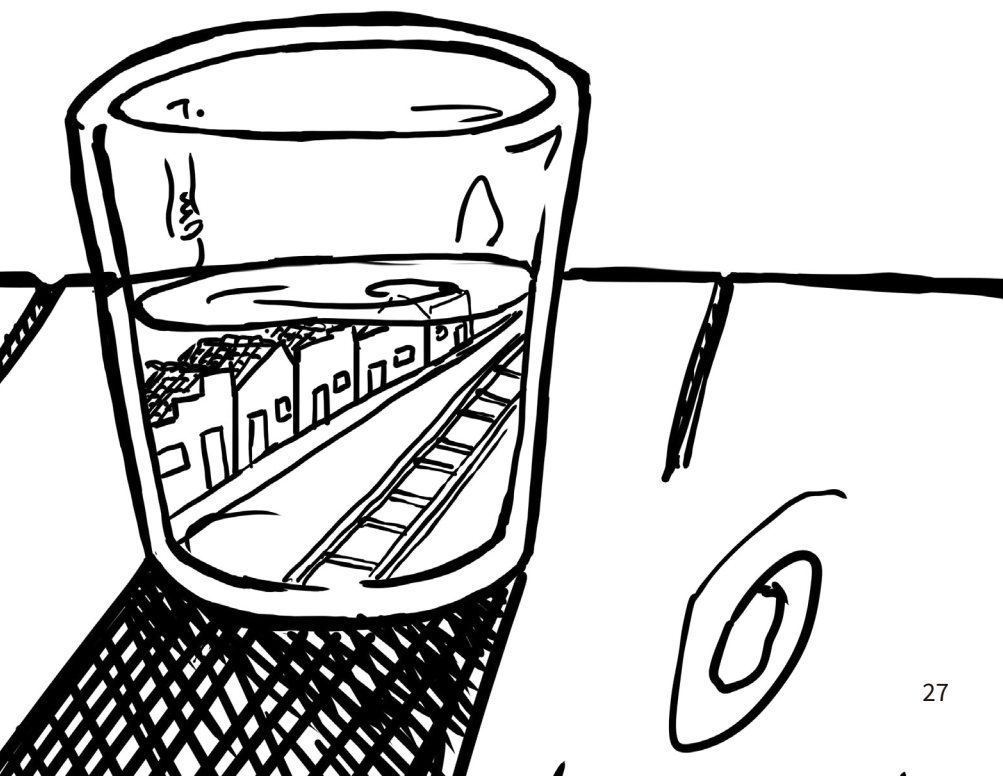
rever Limoeiro do alto,  
criar um discurso falso  
capaz de convencer até saguim  
a votar em mim,

Preciso!

Da minha infância lunática  
da minha adolescência escalafobética,  
de um segurança na porta do banheiro  
de algum supermercado  
me dizendo: Eu vi!



Preciso!  
Dos amigos que nunca foram  
dos amigos que já foram  
e dos que nem tão amigos são assim,  
Preciso!  
da poesia ditatorial das Águas Perenes  
gritando em meus ouvidos:  
Vá embora!!!  
preciso das mulheres que amei,  
das distâncias que caminhei,  
da vida que não vivi  
Preciso!  
ser preciso,  
pois já não mais me preciso  
tanto assim...



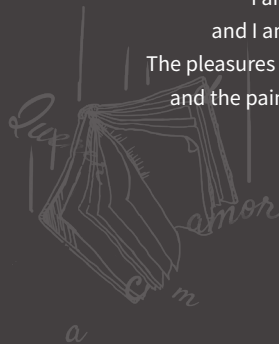
# Capítulo II



## O Amor

“I am the poet of the Body  
and I am the poet of the Soul,  
The pleasures of heaven are with me  
and the pains of hell are with me.”

Walt Whitman



## Quando a vida é uma dança esquisita

O que fazer quando sua vida é uma dança esquisita,  
como se fosse a liberdade comendo sua alma?

Do amor extrair a cria mais bonita e  
todos os sentimentos do teu mundo?

Sei que não são tantos,  
nem tão poucos assim.

Tua alma decotada ou ao comprido,

Sempre se despe para mim,

numa avenida libertária

de pele nua e jardim

ao som dum blues rasgado

na madrugada que docemente embriaga

o silêncio perdido de nossas bocas.

Sempre haverá um ciúme derramado

em algum abraço apertado

ou em um olhar cerrado

como também haverão tempestades de folhas

de vidas, de pessoas, de amores

e de poetas apaixonados por você.

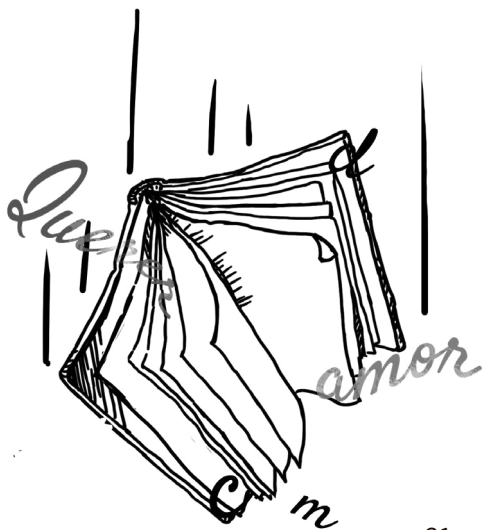
## A Encantadora de Risos.

Ela só girava para quem lhe fazia sorrir  
era quase instantâneo, o giro e o sorriso!  
Dali vinha um ar quente, doce,  
trazendo a galope sentimentos perdidos.  
Trotava corações apaixonados,  
mesmo que só fosse,  
apenas indeciso,  
o sorriso, deixava a boca cair.

Trazia da manhã sua luz  
quente nas costas,  
vagante, sorridente,  
a encantadora de risos  
roubou, meu sorriso,  
pra ela.

## O amor daquela menina

Uma menina pediu-me para ser seu amor.  
Aceitei ser o amor daquela menina,  
nas vicissitudes que todo amor têm,  
conheci sentimentos que outrora não faziam sentido para mim:  
amor, dor, ciúme, ego, sub ego, ID...  
pequei tolamente pela doença da carne  
e a dona confiança, sorrateira como só ela,  
partiu pra nunca mais voltar  
tão tarde ficou o dia que nada mais fazia sentido  
o prato ficou vazio, eu fiquei vazio  
no regaço mais alto deste amor  
me desconstruí pedaço por pedaço  
não me bastava sozinho, era preciso  
ser mais que preciso  
fiquei triste, a menina ficou triste,  
o amor ficou triste  
mas quem sofreu mais foi a poesia  
que nem sequer mais existe...



## Na cama com Neruda

Ah como eu te quero, amor,  
e assim, desse jeito, me alimento de ti,  
como andas, como penteias teus cabelos plenos, de mulher,  
da tua carne de maçã, quente, como o meio-dia,  
das praias do teu litoral.

À minha vida chegastes  
como quem trazia,  
feito de luz, um bom pão,  
sombra e água fresca,  
e assim continuo te querendo amor.

E os que amanhã quiserem ouvir, direi  
que apenas quero que as luzes alumiem  
e que a noite não traga explicações,  
que apenas as trombetas anunciem  
como é bom te amar.

E toda vez que permitires,  
te amarei, beijo a beijo,  
correrei, teu pequeno infinito,  
tuas margens, teus rios,  
teus povoados.

E para os que não acreditam que te amei,  
não lhes direi nada, que leiam aqui,  
que retrocedam e que amem, hoje, porque é cedo,  
por que amar, é ser, senão, na sombra de um raio,  
fogo e ternura, sonhos e ilusão.



## A Maçã

Metade da carne dói, mordida,  
pela boca vermelha  
maldita!

A maçã chora, metade que foi embora,  
luz! Que esconde teu olhar agateado,  
felino e malvado, fechado,  
que serve para transformar,  
coração em maracujá,  
saravá, tua delicadeza, linda!

## Buarque-se

Ah! quantas histórias terei que inventar  
quantas mulheres terei que amar  
pra você me amar, enfim.

Quantas mágoas terei que guardar  
quantos sonhos terei que sonhar  
pra gente empatar, enfim.

Os meus sonhos tão pequenos  
melodramas exacerbados  
medo de outros lados, enfim.

Será que um dia essa vida passa  
essa dor, esse amor,  
essa amizade, enfim.

Somos amantes e amigos  
somos heróis e bandidos  
um do outro, enfim.

# Essas Meninas de Letras

Essas meninas de Letras  
despertam todos os desejos de Safo em mim  
essas meninas poetisas  
me despem dos meus sentimentos mais ruins  
são meus vinhos  
minha cevada  
a soma do tudo  
e o medo do nada  
escrevem sonhos  
e murmuram sons  
inebriando meus ouvidos  
formando sorrisos  
divertimentos e afins  
o que seria de mim  
sem as letras dessas meninas  
um pedaço oco?  
De carne?  
Um sonho?  
Uma saudade?  
Ah meninas...  
quero amá-las  
como Safo amou suas meninas  
desgraçado até o fim.

# Amarela

Minha amarela, ruiva e sardenta –  
dúvida vermelha e ardenta –  
o mundo é um girassol, magrela  
você é mar e sol, é bela  
é sangue e vinho no convés  
sons de Chico acompanhado por teus pés  
lembro daquele dia que você quis ir para Buíque  
eu dei aquele chique  
te pedindo para que fique  
com medo da solidão.  
hoje quando o dia começa  
vou embora sem pressa  
lembrando nosso caso de outrora  
quando caminhávamos pela Aurora  
e meu coração batia apaixonado pela senhora  
pedindo para que desses um jeito  
de amar qualquer defeito  
que houvesse em mim  
será que pra falar de amor é tarde?  
Será que vou morrer de tanta saudade?  
Será que esse amor assim  
vai viver e morrer  
louco até o fim?

# Liberté

É sempre bom ver teu olhar, traz paz!  
Esse é o dom de teus olhos café.  
Não fosse o mundo tão careta,  
te faria um poema de amor  
e recitaria em voz alta,  
toda vez que visse teu olhar.  
Não falo deste este amor comum,  
de homem e mulher,  
nem o amor de mãe e filho,  
mas o amor companheiro,  
recíproco, entendedor das  
miudezas da alma humana.  
Amor que plantamos, colhemos  
e entregamos aos nossos amores.  
Teus amores, assim como teus caminhos,  
vão além-mar, e com alegria,  
e um fino torpor de quem ama,  
te verei partir tantas quantas vezes  
te esperarei chegar,  
guardarei teu amor amigo, aberto,  
junto ao meu desejo mais indiscreto,  
para nos amarmos em abraços, olhares,  
carinhos e sonhos,  
pois nunca haverá lógica,  
nem igualdade,  
mas liberdade e amor,  
SEMPRE!

## O poeta que morreu de saudade

Fiz nascer de tom carnal  
um sentimento de abrir os olhos,  
que logo  
cruza a fronteira dos meus domínios  
com um cheiro de saudade,  
que me persegue  
nestes últimos dias  
não há nada de novo para dizer  
só o barulho da chuva.  
Será que estou alegre?  
É certo que não.  
Também não há razão  
para ser triste,  
o mundo de um poeta  
é agitado,  
as palavras,  
as pessoas e suas guerras  
ei de sobreviver a tudo isso  
dividir tudo ao meio,  
cortando!  
como uma faca peixeira corta  
as águas da chuva  
e o que mais atravessar o seu caminho.

## Aqui Jaz o Amor

Ao morrestes amor  
morreu tua essência  
teu cheiro saudosista  
a pureza dos teus desejos,  
morreu o sorriso das almas  
pelos olhos se amando  
o cheiro da tua flor  
se esvaiu, murchou,  
o caule partiu  
para outros mundos  
nossos sonhos  
já não sonham juntos,  
somos só desassuntos  
sem permissão  
pra recomeçar  
ao morrestes amor,  
és sem hora, sem aurora  
e o teu sorriso de bom-dia  
só adia, mais um dia,  
tua morte, amor.

# Fel

A doce palavra mentida  
no instante de febre  
arde nos ouvidos e queima a pele.

Ó invariável amor  
que varia de sentimento  
e afunda o lamento no poço da  
solidão.

Jaz tua quimera ardente  
Libera minha mente  
Esvazia minha imaginação.



# Tampouco Vênus

Para se ver a lua  
É preciso exagerar no olhar,  
Ser livre como a poesia,  
ser por inteiro ser.  
Depois a lua,  
será toda tua.  
Um vento matreiro  
trará areia e cinzas  
e uma nuvem qualquer,  
teus cegos olhos gritarão:  
Fogo! Energia! Vida!  
Elementar!  
Chove!  
A lua, não é mais tua,  
Tampouco Vênus!  
O que farás da vida?  
O que ela fez de ti?  
Não sei!  
Só sei que o mundo seria mais mundo  
se chovesse menos por aqui.

# Soul

Sou seu amor  
torpor  
prazer  
bem-querer  
calor  
para um dia de frio.

Sou sua esteira  
espreguiçadeira  
na beira da praia.  
lua  
pele nua  
por debaixo do lençol.

Sou seu Orfeu  
camafeu  
sua voz  
mundo atroz  
Deus!  
orando por nós.

Sou seu regaço  
cabaço  
Jornalista  
moralista  
paranóia  
claraboia.

Contentemente,  
eternamente.

# Sociopatia

Estou aqui neste inicio de página  
juntando minhas sociopatias  
jamais dantes reunidas  
em caráter acrobático.

Aqui nesta hora  
não importa a chuva lá fora  
nem o frio artificial  
nem escrever-te um soneto ideal.

Estou morto  
como a arte está morta  
como a poesia que suicidou-se  
depois dos modernos.

Poderia bandeirizar algumas palavras  
ou drummoniar em teus ouvidos  
coisas de amor de estúpidos cupidos.  
apenas pobres meninos armados e violentos.

# Solidão

divinas musas  
me inspiram  
num êxtase insípido  
de saltar a solidão amorosa  
dos meus desejos loucos  
quão triste é  
preciso de um amor  
preciso gritar  
preciso de um amor

– mais alto:  
PRECISO DE UM AMOR –

solidão...  
virei relógio do tempo  
e ele bate:

eunaomeamo  
eunaomeamo  
eunaomeamo

nada é eterno  
faça sua história.

# Canção dos Namorados

## (Paráfrase Drummoniana)

Era uma vez  
uma linda menina  
de saia rosa  
jogando xadrez.

Era uma vez  
um poeta carcomido  
cara de pau  
e metido a bandido.

Apaixonado  
pela menina  
o poeta exclama:  
muita calma, que esta combina!

Daí por diante  
felicidade completa  
seguem abraçados  
menina e poeta.

# Blues

Luz azul, atravessa o cosmos, vem me ver  
transcende o real, me faz viver  
nalguma chama de bem-querer,  
Luz azul,  
porque teu clarão me mata  
de amor  
e na morte  
os dias são noites  
na ilusão do corpo amarelo, hábito tão singelo,  
não encontro tua dor  
meu amor!  
Me mostra, por favor,  
onde fica o interruptor?  
Onde fica tua dor?  
Onde fica meu amor?  
Na velocidade da tua luz,  
na escuridão da tua luz,  
no desespero da tua luz,  
na mudez da tua luz,  
na solidão da tua luz,  
azul!

## Ode à minha amada

Ouço-te a voz, o reclamar da tua boca.  
Ouço teu riso aberto.  
E quando olhas para frente,  
e ficas silenciosa e triste,  
pergunto-me se és realmente assim  
ou se aquela tristeza me pertence –  
tento construir algo engraçado  
para fazer você sorrir –  
e logo sinto sua presença  
em gestos, palavras, sorrisos  
e na poesia que faz de ti um mito.

# O Descobrimento das Américas

Intrínseca beleza  
Inebriam meus olhos  
Por tamanha magnitude  
Estendida em meu leito  
Ancas para o céu  
Cabelos esvoaçados  
Por um frescor artificial  
Súbito! Um desejo...  
Corre todo o ser  
Desejo de Portugal às Índias  
De Raskolnikov às joias da coroa  
De Platão ao saber  
Caminho inverso  
Chego ao teu Brasil  
Inexplorado?  
Sinto-me o primeiro ao pisar  
Em tua terra firme  
E planto em ti  
Um coqueiro de além-mar  
Caminho por toda tua costa  
Subo tuas montanhas  
Colonizo pequenos sinais  
Que te habitam  
Tua gruta me abriga  
De traje sintético  
Em teus ouvidos te chamo de amiga  
Falando sobre todo amor  
Que há em mim.



# Ontem

Ontem eu era o sol  
Você a lua  
Nos casávamos  
No espaço sideral.

Ontem eu era Esparta  
Você Atenas  
E te conquistava  
Só pra mim.

Ontem eu era Lampião  
Você Maria Bonita  
Nos amávamos  
Sob o luar do sertão.

Ontem eu fui Chico  
Você Marieta  
Tão severa que me largava só  
E partia no rabo dalgum cometa.

## Para Fernanda Torres com amor

Já me levaram Pessoa duas vezes,  
minhas ficções ficaram sem interlúdio  
logo eu que não sei guardar rebanhos  
arreatado fui do guardador número cinco.

Já me levaram a poesia  
mas ela sorradeira como é:  
sempre volta!  
ela é o meu deleite, ela é o meu estorvo.

Nunca levarão meus sonhos encobertos,  
Tampouco meus desejos indiscretos,  
Estes permanecem intactos  
Bizarrices do poeta.

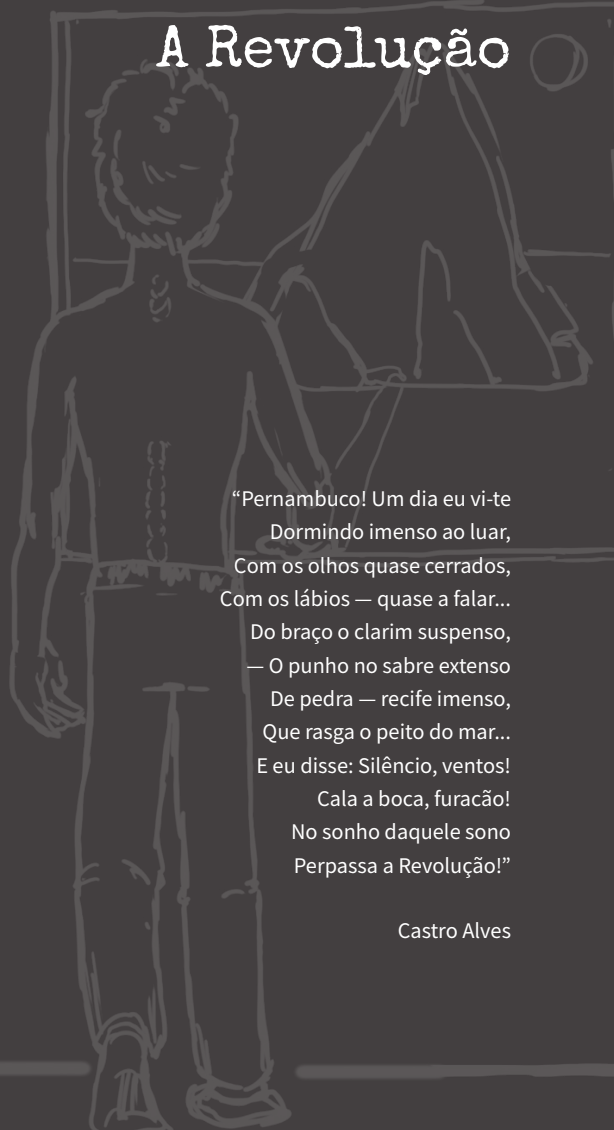
Já me levaram a fazer loucuras  
a dizer doçuras, só para agradar  
já me levaram os campinhos de futebol  
os buracos de tanajura, minha pipa do ar.

Já levaram meus sonhos democráticos  
meu voto da última eleição,  
meu coração partido,  
meus amigos e minha solidão.

Só não me levaram ainda,  
talvez eu não queira ir, talvez ela não queira me levar,  
talvez, talvez, talvez, quando a tal vez chegar  
não haverá mais nada a dizer, a não ser: Fim!

# Capítulo III

## A Revolução



“Pernambuco! Um dia eu vi-te  
Dormindo imenso ao luar,  
Com os olhos quase cerrados,  
Com os lábios — quase a falar...  
Do braço o clarim suspenso,  
— O punho no sabre extenso  
De pedra — recife imenso,  
Que rasga o peito do mar...  
E eu disse: Silêncio, ventos!  
Cala a boca, furacão!  
No sonho daquele sono  
Perpassa a Revolução!”

Castro Alves

# Cordel da Revolução

Você é o meu sol, meu guia, minha alegria  
minha nona sinfonia  
nascer de um novo dia  
depois de uma noite de abstração.

Você é minha fantasia  
meu Cinema Paradiso  
meu navegar é preciso  
minha nova oração.

Você é minha poesia predileta  
a sombra do meu sertão  
inspiração para este poeta  
ponto final dos meus cem anos de solidão.

Você é minha revolução social  
minha atividade cultural, minha cultura racional  
minha Itapuama, minha Iracema  
meu paradigma, meu sistema.

Você é meu ácido, minha base  
minha catarse, minha melhor fase  
meu sonho de consumo  
meu fumo, meu prumo, meu rumo.

Você é minha pedra do navio  
meu longo pavio  
minha serra talhada  
minha onça malhada.

Você é minha abstração  
minha contradição, minha animação  
meu disco voador  
meu amor, minha imaginação.

## Conde da Boa Vista

No telhado do edifício de 14 andares  
não ganhou o beijo que queria  
vínculo não havia para ser contemplado  
e o boteco da esquina foi ficando o mais óbvio  
enquanto a gravidade lhe puxava  
e a vontade de pular atravessava o eu desejo  
estrela por estrela numa simbiose trágica  
mas a razão maldita impediu o ápice  
de pular na quarta-feira da Conde da Boa Vista  
atendendo um pedido da estrela Evangeline  
de viver aquele instante como se fosse único  
ao som da melodia de um teclado silencioso  
voar sem paraquedas em plena avenida  
e flutuar no ar como se fosse ganja  
estatelar na passarela do shopping da cidade  
molhando de dor a cara da burguesia  
E nascer num novo mundo onde tudo é válido.

# La Dictadura Perfecta

Somos ditadores de nós mesmos  
travamos nossas próprias guerras  
temos nossos próprios exércitos  
nossos súditos e família perfeita  
ditamos nossa regras e limites.  
Olha! Até aí! isso não! aquilo não!  
Temos nosso próprio mundinho  
onde tudo é perfeito  
até que alguma bomba de amor exploda  
ou um desejo louco nos remete  
à alegria de viver e existir.

# Soneto Metafísico

Sou filho de uma instituição falida,  
prescrevo o meu caminho  
em busca de carinho  
ou palavra repetida.

Sou ente e ser,  
diferente  
de alma contente  
com libido de nascer

Usurpo a ignorância  
e concretizo minha esperança  
na realidade constante.

Convido o ser aí  
há ser aqui  
ou não.

# Moto-contínuo

...O som acústico  
meio rústico  
talvez lúdico  
informa o público.

O Som público  
meio acústico  
talvez rústico  
informa o lúdico.

O som lúdico  
meio público  
talvez acústico  
informa o rústico.

O som rústico  
meio lúdico  
talvez público  
informa o som acústico...



# Circulador

Circulando em sonhos  
reencontro a terra.  
Mortinha da Silva  
pela porra da Guerra.

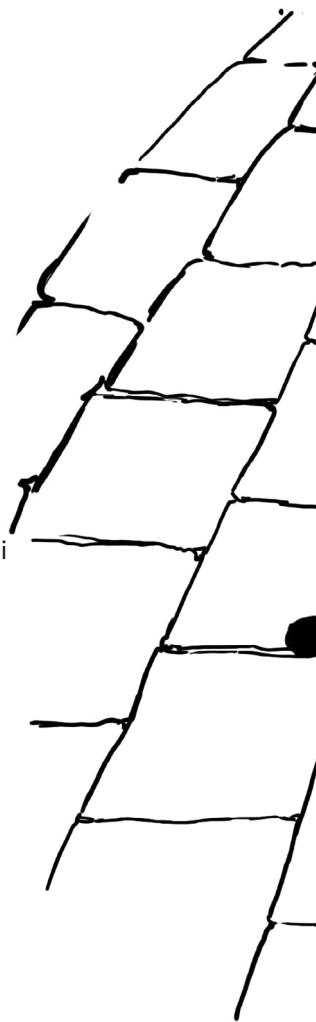
# Navegador

Caminhar na contra lei  
da gravidade e embriagar o tempo  
na posteridade  
esquecer e partir  
para um novo e velho cais  
não esquecer de gemer  
novos ais  
em cada porto em que amar for demais  
como uma queda infinita  
em que poderás nascer  
ser e sentir.

Sempre existirá um novo pôr do sol  
um nova gruta para o mar esculpir  
um novo calor para sentir.

Navegador

não esqueça meu amigo que também estou aqui  
sou metade Igual a ti  
e navegar é nossa forma de resistir





## O que Leva um Homem a Querer?

Rever velhos amigos?  
Confraternizar com os novos?  
O que leva um homem a querer?  
uma nova vida...  
um novo amor...  
uma nova sociedade...  
tantos anos...  
brincando de criança  
brincando de adolescente  
brincando de amar  
à espera de uma revolução  
à espera de uma solução  
esperando o tempo passar  
coisas tão boas...  
tão ruins...  
tantos sonhos...  
tantos fins...  
tantos recomeços...  
onde será que eu errei?  
Onde acertei?  
Tantas perguntas  
e nenhuma resposta.

# Rabisco

Não me julgues  
por tentar  
não sou o céu  
tampouco o mar

Luto contra  
as coisas estáticas  
sem medo, sorte  
ou forças armadas

Sou invenção  
desmiolada  
de uma cuca  
abalada.

Procuro alguém  
para amar  
bem cedo ou à tardinha  
quando um verão qualquer chegar.

Sem intrigas  
subversão  
ou nostalgia  
apenas amor e alegria.

# My World

Eu não sou daqui  
não nasci na terra  
my world é outro world  
minha guerra é outra guerra.

Nasci imagem e semelhança  
do que fui (e do que sou)  
vivo imagem e semelhança  
do que sou (e do que fui).

Meu mundo é surreal  
com macacos na esquina  
às vezes sinistro, irracional,  
às vezes até combina.

O jornal que eu lia,  
já sabia...  
muita letra  
pouca sabedoria.

Intelectos de plantão  
a chupar informação  
como lepra  
a carne fria.

Sempre a rejeitar um bom conselho  
pois que sabe muito não sabe nada  
deixo a todos um preceito: liberdade!!!  
Ainda que saturada.

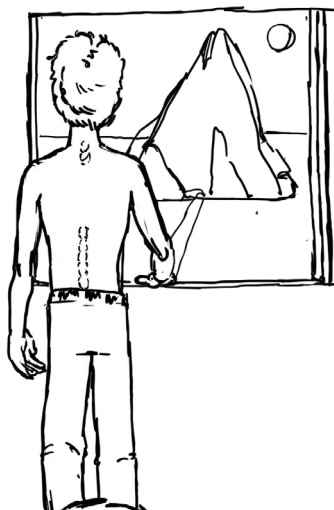
## Ode a Sartre

Não. Não acredito mais em nada  
pois tudo é só simples ilusão  
talvez seja culpa desta pátria idolatrada  
mas não tenho alma nem solução.

Meus pecados já não pecam muito, mas,  
não pense que é porque sou incapaz,  
minha fé dissipou-se na montanha  
sou só carne, osso e entranha.

Já não divido o bem e o mal  
sim é verdade eu sou um animal  
não quero estragar a sua lucidez.

viva e morra,  
viva e morra,  
viva e morra, seu porra!



# Demasiado humano

Sim, sou humano,  
demasiado,  
e nada soberano.

Sim, sou burguesia,  
colonizado,  
e com problemas de azia.

Sim, sou contradição,  
pois me nego,  
a cada nova estação.

Sim, sou sonho,  
e meu mundo,  
desconexo e enfadonho.

Sim, sou alegria,  
pois tristeza se esvai,  
quando escrevo poesia.

Sim, são tantos eus,  
e todos juntos,  
muito mais que eu.



# Eu não tenho eus

Eu não tenho Deus.

Eu não tenho deuses.

Eu não tenho verdade.

Eu não tenho verdades.

Eu não tenho.

Eu não presto pra nada.

Eu nada.

Nem pra poesia.

## Carta Metafísica

Certa vez a poesia me perguntou:  
Há metafísica maior que não pensar em nada?  
procurei então desesperadamente  
a mais vã zen filosofia tibetana  
para transcender meu corpo  
e esvaziar minha mente:  
fracassei!

Não paro de pensar, não consigo.  
Minha mente corre estradas neurais à velocidade da luz,  
só eu sei o quão difícil é,  
frear! E exprimir algo.  
Quase sempre vagueio com as palavras  
ou contradigo o que havia dito outrora.

De cara! Retóricos podam meu desespero cerebral,  
é melhor, amigo,  
sermos quase nada livres  
Que alguma coisa presos  
É assim que me sinto.

Não tenho tantas necessidades de ficar para a posteridade,  
minha mente já é minha  
as minhas estradas já são minhas  
e jamais deixarei estado nenhum do mundo  
privatizá-las.

## Sobre o fim do Mercado

Em nome do pro, em nome do pro  
Em nome do progresso  
Vão destruir a História, sim a História!  
Que História?  
Tão triste nossa História  
aburguesada, romantizada  
enclausurada, engarrafada  
e o que faríamos?  
Protestar? Gritar?  
Chorar?  
Deixar rolar?

- Os católicos dirijam-se para a Igreja mais próxima e clamem por seus Orixás;
- Os papudinhos bebam suas amarguras em seus botecos de preferência;
- Os políticos peguem seus cala bocas e vão tomar banho de piscina em suas granjas;
- Os protestantes aguardem o retorno do divino para guiá-los até o paraíso;
- Os comerciantes se adaptem às novas tendências do Mercado;
- As pessoas comuns irão continuar comuns.

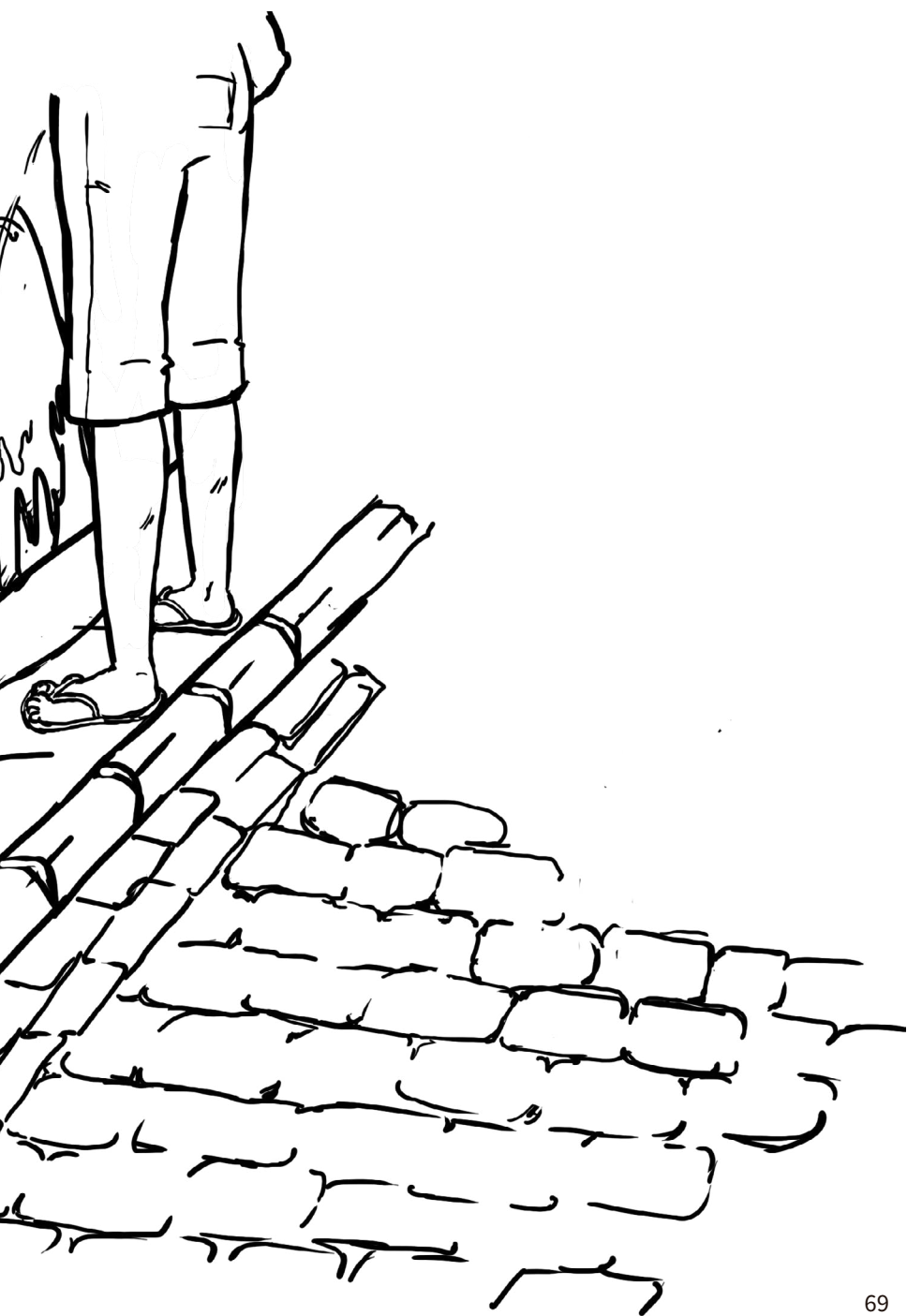
Do mais, não haverá música de protesto, nem passeata, nem revolução nas urnas:  
estamos todos presos na falácia capital pernambucana.

# Maracatu de Metal

(com Paulo Freitas)

Pernambuco de metal  
do imaginário, do surreal  
das ruas cheias de lama,  
das cheias, da fedentina.  
Pernambuco dos maracatus,  
dos tabus, dos pebas  
dos Sertões, dos camarões  
das Revoluções.  
Pernambuco dos sem noção  
das trincheiras, dos sem eira nem beira,  
de Nassau, do mingau de farinha,  
das vizinhas faladeiras.  
Pernambuco da Rua Setenta e Dois  
de Maranguape II,  
da Jornalista Trajano Chacon  
dos Procuradores e seus Infra-assinados.  
Pernambuco do feijão macáçar com bancon  
do povo sem-vergonhoso  
de mané biriba, do xixi na esquina  
das saias das meninas do Diário.  
Pernambuco dos otários,  
dos explorados, dos caçoados e dos tubarões  
das placas de pouco aviso  
e dos gritos de improviso.  
Pernambuco da porra da rima precisa,  
da campanha intelectual,  
dos eleitores comprados  
e dos tarados santificados.  
Pernambuco das músicas  
em seus quadrados  
de tantas merdas e fatos,  
Pernambuco meu auto retrato.





# História da Serpente

Essa é a história do bem e do mal,  
do cordão encarnado e do azul  
da América do Sul, da desigualdade social,  
a história mal contada, a mentira apreendida  
a verdade perdida, a pirâmide social.  
Essa é a história do fascismo batendo à porta  
do colonialismo batendo à porta  
do preconceito batendo à porta  
da liberdade indo embora  
desconfie, desconfio!  
depois da eleição  
as grades virão.



Editora Universitária da UFRPE  
Endereço: Av. Dom Manoel de Medeiros, s/n,  
Bairro Dois Irmãos CEP: 52171-900 - Recife/PE








O poeta convida a ler, a navegar em suas águas, em barcos coloridos, em seus poemas. Não uma decifração do ser, muito menos uma incompletude, mas palavras que tocam e remetem a cais, portos, areias, imaginações. Quem sabe juntos nessa leitura e vocalidade poética, em seu barco podemos encontrar Camões olhando o infinito azul do tempo que dita e segue caminhos. É assim que o autor se vê e se encontra imbricado nas tessituras de suas palavras, ler é preciso!!!

29/01/2019

Dr. Geovanni Gomes Cabral  
Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do  
Pará



Nascido na Recife do início dos anos 80, o autor é um desses poetas que navegam pelo mundo do encantamento e das coisas. Engajado e atento às atividades humanas, sua poesia passeia pela busca do eu poético, pelas nuances do amor, como também pelas lutas por um mundo melhor e mais palpável. Neste livro, sua poética viaja além-mar e através da intertextualidade dialoga com a poesia de Fernando Pessoa, buscando sempre compreender e ensinar as coisas que só a poesia ensina, pois como diria o próprio poeta “viver é bom, e navegar é preciso.”



Acesse nosso site!

ISBN: 978-65-86547-38-2



9 786586 547382